Dia 15 — São Paulo, Primeiro Eremita

São Paulo, a quem a Igreja venera como modelo da vida solitária, por ser o primeiro eremita de quem fala a história, nasceu na Baixa Tebaida por volta do ano 228.

Seus pais, que por sua grande abastança podiam não poupar despesa alguma para a boa educação de seu filho, aplicaram-no com o maior desvelo ao estudo das belas-letras; e nada omitiram de quanto podia contribuir para o cultivo de seu excelente caráter e talentos. A vivacidade e a penetração de seu gênio facilitaram-lhe fazer em pouco tempo maravilhosos progressos. Instruiu-se nas línguas grega e egípcia; mas quanto mais adiantava o santo jovem nas ciências humanas, mais o iluminava o Espírito Santo nos conhecimentos divinos e maior penetração alcançava nos mistérios da religião. Desde a idade de catorze anos era todo o seu estudo a doutrina de Jesus Cristo, e não tomava gosto a outra ciência que a que ensina o caminho da salvação eterna. Aos quinze ficou órfão de pai e mãe; e, como tinha apenas uma irmã, que já estava casada, deixaram-no herdeiro de todos os seus bens.

Estava Paulo muito convencido do nada de todos os bens da terra, e lhe sobrava muito desengano para que lhe merecessem o menor apego os que possuía. Ofereceu-lhe bela ocasião de dar grande prova desse desprendimento a cruel perseguição que o imperador Décio suscitou por aquele tempo contra os cristãos.

Os horríveis estragos que essa violenta tempestade fazia no Egito e na Tebaida puseram muitos fiéis na precisão de refugiar-se nos desertos até que passasse a tormenta. Nosso santo retirou-se a uma casa de campo muito afastada, onde começou a saborear as doçuras da solidão e aquele prazer que experimenta a alma no retiro quando se ocupa unicamente em seu Deus.

Achando-se com tão boas disposições, teve notícia de que seu cunhado maquinava denunciá-lo aos tiranos pela cobiça de aproveitar-se de seus bens. Resolveu prevenir uma determinação tão bárbara e, abandonando tudo, retirou-se a umas montanhas incultas e muito distantes, tendo a idade de 22 anos.

Seu primeiro ânimo foi apenas fazer tempo naquele lugar até que passasse a tempestade da perseguição; mas eram muito diferentes os desígnios da divina Providência. Aquele Senhor que o havia destinado a abrir a tantas almas grandes um novo caminho de perfeição infundiu-lhe tão ardente desejo de sepultar-se para sempre naquela espantosa solidão e de ocupar-se unicamente na contemplação das verdades eternas que desde logo formou a heroica resolução de passar nela todos os dias de sua vida.

Cheio de uma generosa confiança na bondade do mesmo Senhor por cujo amor havia deixado tudo, começou a penetrar pouco a pouco por aquele vasto deserto, vencendo o espanto natural e o natural sobressalto que no começo lhe causava a vista de tantas espécies de brutos e de feras.

Assim marchava como à ventura e sem objeto, volvendo os olhos para todas as partes, quando ao pé de uma montanha avistou uma gruta cuja entrada estava fechada com uma pedra. Picou-o a curiosidade de ver o que havia dentro e, separando a pedra, achou uma espécie de salão a que serviam como de teto as dilatadas e entretecidas ramas de uma antiga palmeira, ao pé da qual brotava uma formosa fonte de água muito cristalina, que, formando um aprazível arroio, poucos passos adiante se perdia na própria terra. Descobriam-se bastantes sinais de que na parte exterior da montanha haviam habitado antigamente alguns ocultos fabricantes de moeda, porque se viam ainda algumas choças com bigornas, martelos, moldes e cunhos; o que dava a entender que devia ter sido aquela alguma fábrica de moeda falsa no tempo de Marco Antônio e da rainha Cleópatra.

Quando Paulo se viu em lugar tão retirado de todo o comércio humano, sentiu-se muito mais aceso no amor à solidão; e, olhando aquela gruta como habitação que lhe tinha destinado a divina Providência, determinou sepultar-se nela para todos os dias de sua vida.

Desde aquele ponto não teve outra ocupação que dedicar-se à contemplação das grandezas divinas e das verdades eternas, gastando em oração os dias e as noites. A palmeira da gruta, com suas folhas e com suas tâmaras, dava-lhe com que cobrir-se e com que alimentar-se até os 53 anos de sua idade. Daí em diante, querendo Deus dar a entender o especial cuidado que tem sua amorosa providência dos que por seu amor tudo deixam, dispôs que um corvo lhe trouxesse cada dia meio pão, como ao santo profeta Elias; milagre que se continuou até o dia de sua morte.

Achava-se Paulo nos cento e treze anos de sua idade, tendo passado noventa naquele gênero de vida, quando, querendo o Senhor descobrir a todo o mundo cristão aquele tesouro escondido, permitiu que a Santo Antão, que então tinha noventa anos e fazia muitos que vivia em outro deserto, assaltasse o vão desejo de saber se haveria naqueles desertos outro solitário que tivesse vivido neles por tanto tempo e que professasse uma vida tão perfeita como a sua. Na noite seguinte teve um sonho em que Deus lhe deu a entender que com efeito havia naquelas solidões um eremita mais antigo e mais santo que ele.

Mal amanheceu no outro dia, Antão pôs-se a caminho, sem que lhe embaraçasse o peso dos anos; e, entregando-se à direção da divina Providência, andou sem cessar e sem saber aonde ia. Pelo meio-dia encontrou-se com uma espécie de monstro, que a princípio lhe causou algum medo, porque tinha figura como de homem e de cavalo. Mas, pondo toda a confiança em Deus e feito o sinal da cruz, perguntou ao monstro com intrepidez se sabia onde habitava o servo de Deus. São Jerônimo, que refere este fato, diz que, tendo-lhe mostrado o lugar aquele animal com sua mão direita, o bruto se meteu a correr pela aspereza, e Antão prosseguiu seu caminho. Na manhã do dia seguinte encontrou outros muitos monstros de figuras horríveis e espantosas, que talvez fossem espectros ou ilusões com que o demônio pretendia atemorizá-lo para fazê-lo voltar atrás; mas o santo, sem fazer caso, caminhou adiante.

Por fim, depois de ter passado toda a noite em oração, mal amanheceu o terceiro dia, viu uma loba ao pé de uma montanha que descia a beber no arroio. Seguiu-a e chegou à gruta; entrou nela, não

obstante sua escuridão, e, olhando para todas as partes, descobriu uma luz a curta distância; acelerou o passo e, ao ruído que fez no cascalho, acudiu Paulo a fechar a porta com o ferrolho. Correu Antão e, achando-se como burlado, prostrou-se no umbral da porta, conjurando o servo de Deus com rogos e com lágrimas que lhe abrisse. Bem sabes, dizia-lhe, quem sou eu; não ignoras o principal motivo de minha viagem; já sei que não sou digno de ver-te, mas estou resolvido a não me apartar daqui sem te haver visto. À tua porta morrerei e pelo menos terás o trabalho de enterrar meu corpo morto.

Ao ouvir essas palavras enterneceu-se Paulo e, abrindo a porta, disse-lhe sorrindo: Quem pede graças com ameaças? E, se vens morrer aqui, de que te espantas que não queira abrir-te? E abraçando-se os dois com grande ternura, saudaram-se por seus nomes. Depois de render graças a Deus e de fazer oração, sentaram-se; e, voltando-se Paulo a Antão, disse-lhe: Eis aqui aquele que buscaste com tanto trabalho; não vês mais que um corpo consumido pela velhice, que em breve se converterá em pó. Mas dize-me: que é o que se passa no mundo? Fabricam-se ainda casas novas e suntuosos palácios nas cidades antigas? Quem reina na terra? Há ainda homens insensatos e cegos que adorem os demônios e vivam nas trevas da idolatria?

Respondeu Antão a todas essas perguntas; e, estando os dois santos entretidos em doce conversação, viram vir o corvo com um pão no bico e, voando brandamente, pô-lo entre os dois. Admirado da bondade do Senhor, disse-lhe São Paulo: Faz sessenta anos que este corvo me traz cada dia meio pão; mas hoje Jesus Cristo, por teu respeito e para que comamos os dois, dobrou a ração. Deram graças a Deus; e, feita a oração, sentaram-se a comer junto à fonte.

No dia seguinte, logo que amanheceu, disse Paulo a Santo Antão que já se aproximava sua morte e que Deus o havia enviado para que desse sepultura a seu corpo. Ao ouvir Antão essas palavras, começou a desfazer-se em lágrimas e pediu a Paulo que ao menos lhe alcançasse de Deus a graça de que morresse com ele. Não deves antepor tua conveniência à glória de Deus, respondeu Paulo, e teus discípulos ainda têm necessidade de teus exemplos. Mas eu tenho uma graça a pedir-te, e é que vás e me tragas o manto do bispo Atanásio para amortalhar com ele o meu corpo. São Jerônimo diz que isso foi apenas um carinhoso pretexto para que Antão se ausentasse e não padecesse a dor de vê-lo morrer; se já não foi querer significar que desejava morrer na fé e na comunhão de Santo Atanásio.

Admirado Antão de ouvi-lo falar do manto de Atanásio, não se atreveu a replicar-lhe e, beijando-lhe docemente os olhos e as mãos, que regou com suas lágrimas, pôs-se logo a caminho e, ao cabo de dois dias, chegou desalentado a seu mosteiro.

Perguntaram-lhe dois de seus discípulos onde havia estado tanto tempo, e Antão exclamou: Pobre de mim, que sou indigno do nome de solitário. Vi Elias, vi João no deserto e vi Paulo no paraíso. E, sem lhes falar mais palavra, tomou o manto de Atanásio e, voltando a pôr-se a caminho, começou a andar com grande pressa, sem deter-se um momento.

No dia seguinte pela manhã, mal havia caminhado umas três horas, viu subir ao céu a alma de Paulo, toda cheia de resplendor, em meio aos anjos, aos apóstolos e aos profetas. Enterneceu-o sobremaneira essa visão e, desfazendo-se em lágrimas, prostrado o semblante contra a terra, começou a gritar: Amado pai meu, por que me deixaste assim? É possível que tão tarde te conheci

para perder-te tão cedo? Levantando-se depois com novo alento, prosseguiu seu caminho; chega à gruta, entra nela e encontra o corpo de Paulo ajoelhado, a cabeça erguida e as mãos levantadas ao céu. A princípio julgou que estava vivo e em oração; mas, como não o ouvisse suspirar conforme tinha por costume, correu para abraçá-lo e viu que estava morto. Então, regando-o com suas lágrimas, amortalhou o santo corpo com o manto, levou-o para fora da gruta e começou a cantar os hinos e os salmos que costuma a santa Igreja.

Estava muito aflito, sem saber como havia de cavar a terra para dar-lhe sepultura, quando viu vir para si dois leões que saíam do interior do deserto. Teve medo a princípio, mas animou-se depois com a confiança em Deus. Chegaram os leões onde estava o santo corpo, prostraram-se a seus pés e, dando rugidos lastimosos, começaram a abrir a terra com as garras e as unhas. Quando fizeram uma cova suficiente, aproximaram-se de Santo Antão e o afagaram brandamente, como se lhe pedissem sua bênção. Levantou o santo os olhos ao céu e disse: Senhor, dai a estes animais o que lhes convém; e, fazendo-lhes sinal com a mão para que se fossem, despediu-os. Enterrou depois o santo corpo e herdou a túnica de Paulo, que ele mesmo havia tecido das folhas da palmeira, a qual, voltado ao mosteiro, vestiu depois toda a vida nos dias mais solenes.

Dizem alguns que Santo Antão edificou um mosteiro e uma igreja no mesmo lugar em que havia enterrado São Paulo. O imperador Comneno mandou trasladar suas relíquias a Constantinopla. Quando os latinos se apoderaram desta cidade, o corpo de São Paulo foi transportado a Veneza no ano de 1240, e no de 1381 Luís I, rei da Hungria, obteve-o do senado e o fez trasladar com grande solenidade a Buda, onde o colocou na igreja de São Lourenço. Venera-se em Roma a cabeça de São Paulo e, no mosteiro de Cluny, algumas de suas relíquias.

Martirológio Romano

Em Anjou, São Mauro, abade, discípulo de São Bento, que o instruiu desde a infância. Nada mostrou melhor quanto havia aproveitado das lições de tão bom mestre como a maneira com que marchou sobre as águas, o que não se havia visto suceder desde São Pedro. Tendo sido este santo enviado à França, edificou ali um célebre mosteiro, que governou por espaço de quarenta anos, e morreu em paz, célebre por seus gloriosos milagres [^1].

Na Judeia, os santos Habacuc e Miqueias, profetas, cujos corpos foram achados por revelação divina sob o império de Teodósio, o Grande.

Em Anagni, Santa Secundina, virgem, martirizada no tempo do imperador Décio.

Em Cagliari, na Sardenha, Santo Efísio, mártir, que, revestido da força do alto, superou os tormentos que lhe fazia sofrer o juiz Flaviano durante a perseguição de Diocleciano; depois, tendo-lhe sido cortada a cabeça, entrou vitorioso no céu.

Em Nola, na Campânia, São Máximo, bispo.

Em Clermont, na Auvérnia, São Boneto, bispo e confessor.

No Egito, São Macário, abade, discípulo de Santo Antão, muito célebre por sua santa vida e milagres. No mesmo dia, Santo Isidoro, a quem tornaram recomendável sua santidade, sua fé e seus milagres.

Em Roma, São João Calibita, que viveu algum tempo ignorado num canto da casa de seu pai, depois numa cabana perto dessa casa, na ilha do Tibre. Seu pai e sua mãe só o reconheceram depois de morto. Tendo-se então tornado célebre por seus milagres, foi sepultado no mesmo lugar, onde depois se edificou uma igreja em sua honra.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Paulo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Pauli confessoris tui annua solemnitate lætificas: concede propitius; ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos encheis de alegria com a festa de vosso confessor, o bem-aventurado São Paulo, concedei-nos, por vossa bondade, a graça de imitar na terra as ações daquele cujo nascimento no céu celebramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** [7] Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. [8] Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, [9] et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, [10] ad cognoscendum illum, et virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : [11] si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : [12] non

> quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: [7] Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. [8] E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, [9] e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, [10] para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: [11] por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. [12] Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Nota

« Quando São Paulo escreveu esta epístola, achava-se em Roma como preso. Os filipenses, isto é, os cristãos da cidade de Filipos, que em outras ocasiões lhe haviam dado provas de sua devoção e de seu afeto, não se esqueceram de fazer o mesmo na presente. Enviaram-lhe seu bispo Epafrodito com esmola para sua assistência e, quando o bispo voltou à sua igreja, o apóstolo entregou-lhe esta carta para os filipenses, na qual os exorta a que observem perpetuamente com toda a fidelidade a lei que lhes pregou e a estar sempre unidos com Jesus Cristo em sua cruz. Foi escrita esta carta por volta do ano 61 de Cristo. »

Reflexões

Assim pensa, assim fala São Paulo de tudo o que agrada, de tudo o que deslumbra no mundo, de tudo o que lisonjeia, de tudo o que nutre o amor-próprio, o orgulho e a concupiscência. Pensamos nós como pensava o Apóstolo? Pois, na verdade, não professamos outra religião; a todos falam as mesmas lições, e todos temos um mesmo mestre. Achar-se-ão hoje muitos cristãos que tenham por coisa de fumaça tudo o que no mundo brilha? Encontrar-se-ão muitos que reputem por desgraça ser poderosos, ser ricos? Contudo, São Paulo reputou-o como tal.

Certamente, quando se chega a conhecer de verdade a Jesus Cristo, não se pode olhar sem desprezo tudo o que se estima no mundo. Quando se olha fixamente para o sol, parecem trevas os objetos mais brilhantes. Que solidez, que descanso se pode achar em uns bens vazios e fugazes? Que realidade se pode encontrar nessas honras que consistem somente na ideia vã e extravagante dos homens? Só nos tesouros de minha religião encontro eu um descanso pleno, uma abundância, uma felicidade pura e perfeita. Só Jesus Cristo pode fazer nossa felicidade; mas para isso é preciso achar-se em Jesus Cristo, e somente se acha o homem nele pela fé e com a graça. Inutilmente se

busca em outra parte a paz da alma, porque só em Jesus Cristo se achará.

Muitos há que, renunciando a tudo, nada dão, porque ainda o seu coração fica apegado a tudo. Nunca foi do gosto de Deus uma renúncia imperfeita ou ociosa. Não basta renunciar a tudo por Jesus Cristo; é preciso ter parte em sua paixão, é preciso tornar visível a imagem de sua morte por meio de uma vida crucificada; é preciso trabalhar cada dia em ser mais santo e mais perfeito, não perdendo jamais de vista Jesus Cristo cravado numa cruz.

Prossigo meu caminho, diz o Apóstolo, para chegar ao termo. Pelo mesmo caminho corremos todos: alcançaremos todos o mesmo termo? Um grande apóstolo, um homem cheio de merecimentos, consumido em trabalhos por Jesus Cristo, um vaso de eleição não crê ter ganho o prêmio depois de tantas vitórias, antes aplica toda a sua atenção a esquecer o caminho que andou, para não pensar mais que no que resta por andar; e nós, que nada fizemos, que talvez estejamos já no fim da carreira, mantemo-nos ociosos e vivemos com grande tranquilidade! Qual será o nosso termo? Para ele caminhamos, mas nosso termo será nossa recompensa? Avançamos para o prêmio quando vamos avançando para a eternidade? Ó bom Deus, e quão temível é a nossa tranquilidade!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,25-30

> **Latim:** 25 In illo tempore respondens Jesus dixit : Confiteor tibi, Pater, Domine cæli et terræ, quia abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis. 26 Ita Pater : quoniam sic fuit placitum ante te. 27 Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Et nemo novit Filium, nisi Pater : neque Patrem quis novit, nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare. 28 Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. 29 Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. 30 Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

Português: 25 Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do ceo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. 26 Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado. 27 Todas as cousas me forão entregues por meu Pai. E ninguem conhece o Filho senão o Pai: nem alguem conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho o quizer revelar. 28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

Meditação

Não há na terra felicidade verdadeira senão no serviço de Deus

Primeiro ponto

Considera que somente fomos criados para conhecer, para amar e para servir a Deus. Logo não podemos ser felizes senão servindo ao mesmo Deus. Qualquer outra felicidade é quimérica, e quem a busca fora de Deus caminha errado ou iludido.

Cristo diz que seu jugo é suave e que sua carga é leve; o mundo pensa e diz todo o contrário. Qual dos dois se engana? A quem devemos crer? Jesus Cristo o disse, é verdade; mas nossa solicitude e nossos desejos provam, porventura, que damos crédito a esse oráculo?

Para ser felizes, é preciso que estejam saciados nossos desejos, e não há bem criado que não os excite. É preciso que o coração esteja contente, e fora de Deus não pode deixar de estar inquieto. Fatiga-se, cansa-se, desgasta-se a alma no serviço do mundo. Não há estado sem trabalhos, não há dia sem muitas névoas, não há emprego que não seja uma carga. Desenganemo-nos: tudo desgosta, tudo cansa; só é doce e leve o jugo do Senhor. Minha razão mesma não acerta a dizer-me o contrário; e ainda duvido, ainda delibero, ó meu Deus, se hei de servir-vos.

No serviço do mundo tudo é duro, tudo é sem fruto; não há alegria que não nasça rodeada de mil espinhos; tudo punge. Que dia de calma se descobre jamais neste mar borrascoso? Todos são escolhos; e quantos tristes naufrágios se veem! Quanto fazem padecer as paixões alheias, e quanto fazem também sofrer as paixões próprias!

No serviço de Deus essas tiranas estão pelo menos acorrentadas; todos os caminhos estão planos; o céu se vê sempre sereno. E certamente, quando a consciência está em paz, que mais doce calma! Ah, Senhor, e quanta verdade é que estes mistérios estão ocultos aos sábios e aos prudentes do mundo e que somente aos humildes se revelam estes segredos! De quem dependerá que eu não o conheça? Dai-me graça, Senhor, para que faça a experiência. Pronto estou a sacrificar tudo, a executar tudo para saborear umas verdades tão doces, tão cheias de consolo.

Segundo ponto

Considera que há poucas verdades práticas melhor provadas nem mais concludentemente comprovadas que esta.

Que mundano há que esteja contente do dono a quem serve? Quantas queixas se ouvem cada dia do muito que se padece no serviço do mundo! Ao contrário, não há santo que não esteja contente, que não esteja cheio de gozo no serviço de Deus. Achou-se, porventura, algum que se tenha

queixado do muito que se padece neste serviço, do pouco que se recompensa e de que Deus não é bom amo? *Non sunt condignæ passiones hujus temporis.* Nenhuma proporção há entre nossos trabalhos e o prêmio que nos espera.

A solidão, a penitência, as cruzes são tesouros ocultos aos sábios do mundo; mas que manancial mais abundante de doçura, de paz e de consolos interiores para as almas justas! Sua modéstia, sua circunspecção, sua igualdade de ânimo são imagens muito vivas da tranquilidade da alma e da alegria do coração. Quando chegará o dia em que o desejo de minha própria felicidade me conduza a este divino manancial!

São Paulo, primeiro eremita, passa noventa anos na mais espantosa solidão, desconhecido dos homens e unicamente ocupado na contemplação de seu Deus. Queixou-se São Paulo do dono a quem serviu? Ou é, porventura, digno de compaixão o mesmo São Paulo? Ignorou inteiramente o que se passava no mundo. Quantos mundanos, quantos grandes do século invejarão agora essa santa ignorância!

Pergunto: oitenta anos vividos no serviço do mundo causarão na hora da morte tanto consolo? Não se seguirá a eles algum remorso? Serão objeto da admiração e da veneração de todos os fiéis em todos os séculos? Faz mais de seis mil anos que se está demonstrando esta verdade pela fé, pela razão e pela experiência, e ainda não se quer crer. Pois que há que admirar que haja tantos infelizes?

Não quero eu aumentar o número dos desditosos. Convencido estou, Senhor, de que somente em vosso serviço se pode encontrar a verdadeira felicidade. Assim não quero outro senhor nem outro amo; de hoje em diante todo o meu gosto, todo o meu prazer será servir-vos.

Jaculatórias

> *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te!* Sl 30.

Ó Senhor, quanta doçura fazeis saborear aos que vos servem e vos temem!

> *Melior est dies una in atriis tuis super millia.* Sl 83.

Um só dia passado no serviço de Deus é melhor que mil anos entre os gostos do mundo.

Propósitos

1. Impõe-te a lei de falar sempre da devoção com o maior respeito, com termos que mostrem o apreço com que a olhas; fala sempre dela como da origem de nossa verdadeira felicidade. Nosso comum inimigo, e inimigo de Jesus Cristo, é o que introduziu a opinião de que custa muito ser devoto, de que servir a Deus é coisa dura, de que há muitos monstros a vencer neste caminho, de que não se dá passo nele sem suor e sem violência. Essa algaravia de moda, tão comum no século que corre, desalenta muitas almas tímidas, mantém os dissolutos em suas desordens, é injuriosa ao soberano Dono a quem todos servimos e é mais perniciosa do que comumente se pensa. Um São Paulo no deserto, um São Luís no trono, tantos milhares de santos e santas de todos os estados e condições falam da devoção de maneira muito diferente dos desenvoltos e das mulheres do mundo. A quem haveremos de crer? Dizes que tu nunca experimentaste essa doçura, ou pelo menos essa facilidade na prática da virtude. E dize-me: que fizeste para merecê-la? Está ainda esse paladar muito saboreado com o largo uso dos insípidos, dos insossos prazeres do mundo. Estás ainda doente, ou pelo menos convalescente, e já queres tomar gosto às doces alegrias do céu? Serve a Deus com fervor e com perseverança, e o servirás com prazer.

2. Ama e pratica o recolhimento interior. Sem ele toda devoção é superficial. Foge do tumulto e da dissipação dos sentidos; entrega-te ao retiro, que o ar do mundo é sempre contagioso para a salvação; ao menos nunca te exponhas a ele senão pelo serviço de Deus; e mesmo então o próprio Deus nos obriga ao recolhimento interior como a um preservativo necessário. Dá princípio com a resolução de evitar quanto puderes as grandes concorrências; mortifica tua curiosidade em ponto de novidades e de querer saber o que se passa no lugar. Essa pequena mortificação não é de pouca consequência para alcançar o recolhimento.

[^1]: São Mauro morreu em Glanfeuil de Anjou, de que foi abade; seu corpo foi levado primeiramente à abadia de São Pedro dos Fossos, perto de Paris, à qual deu então o seu nome; depois, em 1750, à de São Germano dos Prados, onde os ímpios o profanaram e dispersaram em 1793.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:50 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:50 by Admin